

ecos



da **via-sacra**

COLÉGIO DA VIA-SACRA

Ano CVIII N.º 1 MARÇO 2016

Preço: 1 Mocho



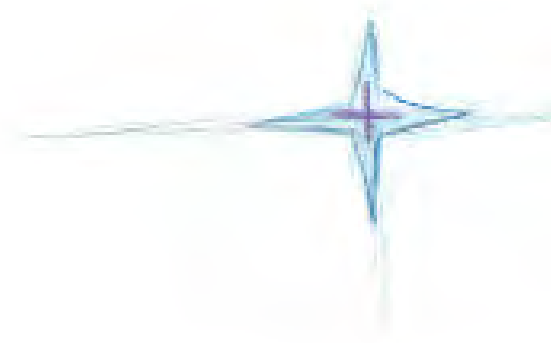


Para envolver, é preciso relacionarmo-nos com os outros, aprender e ajudar.
Sofia Santos, 6.º A

Envolver é acolher e abraçar os que nos estão mais próximos.
Margarida Antunes, 6.º C

Ilustração: Dinís Sousa, 5.º B

Envolver é saber criar mais laços.
Mariana Santos, 5.º C



AGENDA DE ATIVIDADES

18 de março

08h30 – Provas de Cultura Geral (2.º e 3.º Ciclos)

09h00 – Atividades na sala de aula (1.º Ciclo)

10h45 – Eucaristia

14h15 – 1.ª Guerra Mundial - Dramatização

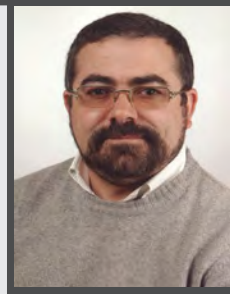
15h00 – “Jogos Aulímpicos”



DESENVOLVE R
DESENVOLVER
DESENVOLVER



3	EDITORIAL
4	NOTÍCIAS
10	REPÓRTER MOCHO
12	UM OLHAR SOBRE...
14	TELAS E PAUTAS
15	MERGULHAR NOS LIVROS
16	ENTREVISTA COM...
18	FAMOSOS & TALENTOSOS
20	ESPAÇO PARA A ESCRITA
27	HORA DO RECREIO
29	AGORA FALAM OS PAIS
30	ECHOS DO PASSADO
31	CIÊNCIA DIVERTIDA



Envolver... os Irmãos

A segunda atitude que encontramos sugerida no lema do Colégio da Via-Sacra para este ano é “envolver”. O Papa Francisco já nos tinha lembrado de que a alegria que é consequência do encontro com o amor de Jesus Cristo tende a comunicar-se. Por isso, não a podemos esconder dentro de nós, nem em círculos fechados de pessoas, por causa deste amor grande de que é destinatária toda a humanidade.

O melhor que temos a fazer é envolver todos aqueles com quem nos encontramos na escola ou nas ruas, que nos levam até casa com o “lençol” do amor que Jesus nos emprestou. Há, pois, muitas pessoas que ainda não se deixaram amar, a ponto de poderem ver quebrado o “gelo” causado por diversos desamores e pelo legalismo frio da sociedade, que não tem em conta o ser de cada um, nem as razões que o levam a viver determinadas circunstâncias difíceis.

Aquele “lençol” pode ser “tecido” com a compaixão, quer dizer, com a misericórdia. E quem o tece é cada um de nós com o “tear” do próprio coração, a “tecer” o amor que Jesus Cristo nos doou através das obras de misericórdia corporais e espirituais. Podemos abrir-nos à realização destas obras, começando pela simpatia de as termos bem presentes no dia a dia. As obras de misericórdia corporais são: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, dar pousada aos peregrinos, vestir os nus, visitar os enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos; por sua vez, as obras de misericórdia espirituais são: ensinar os ignorantes, dar bom conselho, corrigir os que erram, perdoar as injúrias, consolar os tristes, sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo, rezar a Deus por vivos e defuntos. Na verdade, ninguém pratica o que não sabe ser o bem a praticar.

Na verdade, também ninguém pode partilhar o que não tem. Por isso, antes de na Páscoa podermos realizar coisas grandiosas com a ajuda dos professores, pais, irmãos e amigos, aproveitemos a Quaresma para nos deixarmos amar por Jesus. Ele é fonte de perdão, o Seu coração envolve a miséria deixada na nossa vida pelo nosso pecado. E Ele liberta-nos deste para nos permitir caminhar livres ao encontro da felicidade de fazer os outros felizes.

Uma Santa Quaresma e Feliz Páscoa para todos!

Ano CVIII - N.º 1 / março 2016

Periodicidade: Trimestral

Capa: Alunos do Colégio

Diretor: Cónego António Jorge dos Santos Almeida

Coordenação: Prof.ª Patrícia Bárbara

Diretor de Redação: Prof. Rui Abel Pereira

Direção Gráfica: Prof.ª Carla Pinto

Responsável do Clube de Jornalismo:

Prof.ª Margarida Costa

Clube de Jornalismo:

Constança Loureiro, Dinis Sousa, Matilde Almeida, 5.º B;

Beatriz Oliveira, Inês Cardoso, 5.º C;

Maria Inês Lemos, Sofia Rodrigues, 6.º A;

Margarida Antunes, Maria Leonor Gama, 6.º C;

João Vidal, Madalena Jordão, 7.º A

Ana Beatriz Nunes, Eduardo Duarte, Inês Figueiredo, 7.º C;

Ismael Santos, Tomás Correia, 8.º A;

Beatriz Caloba, Leonor Ferreira, 9.º A.

Impressão:

Novelgráfica

Rua Capitão Salomão, 121-122

3510-106 Viseu

Tiragem: 900 exemplares

Cón. António Jorge Almeida



Astronomia no Colégio

No dia 14 de dezembro, tivemos a oportunidade de visitar um planetário móvel e assistir a uma palestra sobre o espaço, as galáxias e as constelações. Pudemos aprender muitas coisas sobre o que está além da Terra, no Universo.

Esta iniciativa teve lugar num planetário montado na sala mais espaçosa do Colégio. Entrámos um pouco agitados, devido à curiosidade, mas rapidamente ficámos maravilhados com o

movimento aparente do Sol, a órbita da Lua e suas fases e os planetas.

Esta atividade foi muito interessante e divertida, pois pudemos aprender algumas matérias de Físico-Química de maneira diferente.

*José Felisberto e Mariana Sêco, 7.º B
Ilustração: Pedro Falcão, 3.º A*

Palestra “Luz e Cor”

Como seria o nosso mundo sem luz?

Esta é uma pergunta difícil de responder. A luz faz parte do nosso dia a dia de uma forma tão natural que a maioria das vezes não nos apercebemos da sua presença, porque andamos muito atarefados, ou então simplesmente porque não a conseguimos ver (luz não visível).

Para reforçar a importância e o astronómico impacto que a Luz e as suas aplicações têm no atual desenvolvimento das sociedades, a UNESCO proclamou 2015 como o Ano Internacional da Luz e das Tecnologias baseadas em luz. A este propósito, o grupo disciplinar de Físico-Química, organizou na escola a palestra intitulada “Luz e Cor”, dirigida aos alunos dos 8.º e 9.º Anos. Para nos dar “umas luzes” sobre este tema, esteve presente o Professor Doutor Francisco Gil, professor do Departamento de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC).



Grupo de Físico-Química

Ceia de Natal

O Colégio da Via-Sacra realizou, no dia 16 de dezembro, uma Ceia de Natal, com o intuito de reunir a Comunidade Educativa na vivência do espírito dessa época festiva e, ao mesmo tempo, de angariar fundos para suprir a falta de financiamento ocorrida este ano para três turmas. A adesão a esta iniciativa foi surpreendente e o recreio coberto do Pavilhão foi pequeno para as mais de mil pessoas presentes, entre alunos, professores, funcionários, encarregados de educação e outros familiares. Todo o serviço foi assegurado pelo Colégio, desde a cozinha até às mesas, numa disponibilidade total de funcionários, professores e pais. Viveu-se um ambiente de grande alegria e fraternidade.

O Colégio da Via-Sacra agradece a participação de todos, em especial à APAVISA e a todos os que colaboraram mais de perto com o seu trabalho nesta iniciativa.

Finalmente, um agradecimento muito sentido à Quinta dos Compadres, na pessoa do Sr. Eurico, que cedeu todo o material de restaurante.



NOTÍCIAS

Festa de Natal

Comemorando o espírito natalício, o Colégio realizou, no dia 17 de dezembro, a Festa de Natal, onde todos os elementos da comunidade educativa partilharam a sua alegria e entusiasmo.

Assim, após a Eucaristia, decorreu o tradicional almoço (com o delicioso peru...) e, a partir das 14h30, os restantes festejos, onde os alunos puderam demonstrar toda a sua criatividade.

No final, o Pai Natal, carregadíssimo, deu o “ar da sua graça”, distribuindo os tão almejados presentes.

Prof.ª Fernanda Rodrigues



Festa de Natal da Creche e do Jardim de Infância

Teve lugar, no passado dia 18 de dezembro, no Auditório do Centro Sociopastoral Diocesano, a Festa de Natal da Creche e do Jardim de Infância. A sala encheu-se de pais, de familiares e de amigos e, sobretudo, da alegria e felicidade dos meninos e meninas que, perante os olhares atentos e comovidos de todos os presentes, fizeram as suas apresentações. Desde anjos esvoaçantes nos braços dos pais a presépios criativos, passando por peças musicais bem ritmadas, muitas foram as surpresas preparadas para esta ocasião.



Concurso de Presépios

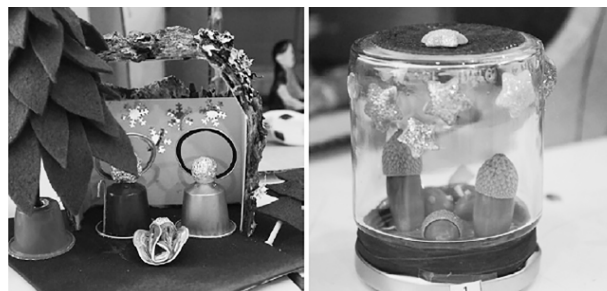
Foi clara a criatividade demonstrada pelos nossos alunos quando chamados a participar no II Concurso de Presépios, tendo sido apresentados cerca de 60 presépios para avaliação.

Queremos agradecer a todos pela sua participação, congratulando em particular os vencedores, apurados após uma votação renhida:

2.º Ciclo - Francisca Teixeira, 5.º A

3.º Ciclo - Ana Beatriz Nunes e Sofia Duarte, 7.º C

Grupo de EVT



Campo de Férias de Natal

Já lá vai mais um Campo de Férias de Natal. Este ano, a atividade decorreu de 18 a 23 de dezembro, com dias repletos de múltiplas atividades, sarapintadas de espírito natalício, bem como de muita diversão e novas aprendizagens.

“Vim dois dias ao Campo de Férias. Gostei de fazer o boneco de neve e de dançar músicas de outros países.”

Rodrigo Costa, 1.º A

“Aquilo de que mais gostei foi a atividade de Inglês. Os jogos foram muito divertidos! Adorei tentar colar o nariz na rena com os olhos vendados! Também gostei de ir visitar os presépios. Eram todos muito bonitos e diferentes.”

Filipa Encarnação, 2.º B

“Gostei mais de ir à Casinha dos Sonhos, onde fizemos pinturas faciais e desenhos, comemos *waffles* e pipocas e ainda nos contaram uma história. Gostaria muito de repetir esta atividade!”

Matilde Carvalho, 3.º C



Alunos do 8.º Ano visitam o Museu Grão Vasco

Durante a visita ao Museu Grão Vasco, foi possível observarmos características inovadoras do Renascimento, sobretudo a partir da análise das obras de Grão Vasco, que foi um grande pintor dessa época. Este movimento artístico e cultural surgiu em Itália, nos finais do séc. XIV. Em Portugal, foi introduzido por mercadores flamengos, tendo-se misturado com o gótico e integrando parte do manuelino.

Diogo Teixeira, 8.º C

“La Chandeleur”

No dia 28 de janeiro, assinalou-se no Colégio uma tradição francesa: “La Chandeleur”. A correria e a excitação fizeram-se notar no primeiro intervalo da manhã por parte dos alunos dos 2.º e 3.º Ciclos, que se deliciaram com os típicos crepes.

“Gostei muito, porque estavam saborosos. O melhor era o de chocolate!”

Francisco Loureiro, 5.º C

“Comi um crepe com chocolate e adorei, pois não é algo que habitualmente coma em casa.”

Guilherme Lopes, 7.º C



Carnaval

Durante a tarde do dia 5 de fevereiro, comemorou-se o Carnaval no nosso Colégio.

Os meninos e as meninas do Jardim de Infância juntaram-se aos alunos do 1.º Ciclo no Desfile de Carnaval. As ruas da cidade foram, assim, enfeitadas por pequenos e risonhos arcos-íris, atentos e alegres mochos e, também, curiosos e divertidos cientistas!

Por sua vez, na escadaria principal do Colégio, decorreu o desfile de mascarados dos alunos dos 2.º e 3.º Ciclos, alguns dos quais ainda tiveram energia para participarem na tradição anglo-saxónica da "Pancake Race". Para terminar, disputou-se no Pavilhão mais um jogo de futsal entre professores e alunos.

"Eu gostei do Carnaval, porque vesti o fato do arco-íris."

Vitória Loureiro, Sala dos 3 Anos

"Eu gostei do Carnaval, porque estava lá muita gente."

Diana Cunha, Sala dos 3 Anos

"Foi giro! Estavam muitos meninos e a mãe tirou fotografias."

Gabriela Ferreira, Sala dos 4 Anos

"Os mochinhos e as corujinhas eram fofinhos. O Rossio tinha muita gente e a mãe foi ver!"

João Rodrigues, Sala dos 4 Anos

"Gostei de ser um cientista maluco!"

Miguel Pacheco, Sala dos 5 Anos

"Adorei lançar os confetes com a minha lupa de cientista!"

Madalena Ramalho, Sala dos 5 Anos



"Achei a Festa de Carnaval muito engraçada e divertida. Mascarei-me de *cheerleader* e também gostei muito de ver os trajes dos alunos de outras turmas. Para além disso, também gostei muito de participar na Corrida das Panquecas."

Beatriz Ferreira, 5.º A

"Foi tudo muito festivo e carnavalesco. Mascarei-me de futebolista e levei uma cabeleira verde. Também gostei muito de ver os outros mascarados, especialmente o 9.º A e de assistir à Corrida das Panquecas."

Raul Alves, 7.º A

À descoberta de Viseu



Num belo dia de fevereiro, fomos descobrir Viseu. Saímos do Colégio às 9h15 e fomos até à Sé. Durante a viagem, ouvimos música e divertimo-nos muito.

Quando chegámos, já estavam os meninos do 3.º Ano à nossa espera. A seguir, chegou a Professora Fátima Eusébio para nos dar informações sobre os monumentos que víamos à nossa volta.

Depois de visitarmos a Sé, passámos pela Praça D. Duarte, pelo Largo Pintor Gata e parámos na Casa Episcopal, onde vimos um vitral muito bonito. Em seguida, passámos por uma estátua que é dedicada às mães e fomos até ao Rossio. Ainda deu tempo para ir ao Seminário, onde vimos um órgão muito grande e antigo feito de 2033 tubos. Foi lá que o Conégo António Jorge tocou três músicas só para nós.

Nós adorámos esta visita. Gostámos muito de descobrir e aprender com os monumentos da nossa cidade.

Gabriel Balula, 5.º A; Guilherme Almeida, 6.º A; Ismael Santos, 8.º A

Palestra “Ver, Envolver, Desenvolver”

Decorreu, no dia 18 de fevereiro, na Biblioteca do Colégio da Via-Sacra, a palestra “Ver, Envolver, Desenvolver”. Esta atividade, realizada no âmbito do tema anual do Colégio e dirigida a toda a Comunidade Educativa, teve como orador Paulo Costa, membro da “Rosto Solidário”, uma associação de desenvolvimento social e humano, que integra a Plataforma Portuguesa das ONGD (Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento).



Alunos do 5.º Ano visitam a Biblioteca Municipal D. Miguel da Silva



No dia 19 de fevereiro, fomos visitar a Biblioteca Municipal D. Miguel da Silva.

À nossa chegada, fomos recebidos por uma das bibliotecárias, a Dr.ª Teresa Almeida, e por um funcionário, o Sr. Tiago, que nos acolheram muito bem, com muita simpatia e muita alegria. Quando chegámos, foram-nos apresentadas as regras da Biblioteca para podermos entrar. Uma vez concluído este primeiro passo, todos entrámos com uma enorme curiosidade de conhecer todos os cantos deste espaço. Fomos em direção a uma sala, que se

chamava “Sala do Conto”. A Dr.ª Teresa começou por nos falar sobre os livros. Disse-nos que naquela biblioteca existiam CD, filmes e, claro, muitos livros, e que podíamos requisitá-los desde que tivéssemos o Cartão de Leitor.

Em seguida, fomos para o piso de cima e visitámos uma sala cheia de CD e filmes. Mas também vimos um computador que falava, isto é, tinha um *software* preparado para auxiliar e incluir as pessoas com dificuldades de visão.

No final, trouxemos como recordação uma folha de papel com um texto escrito em *braille*.

Foi uma atividade muito interessante!

Ana Catarina Figueiredo, 5.º A

XI Sessão Plenária da Assembleia Municipal Infantil

No dia 19 de fevereiro, os alunos do 4.º Ano participaram na XI Sessão Plenária da Assembleia Municipal Infantil, subordinada ao tema “Património do Centro Histórico de Viseu”. Na preparação deste evento, os alunos elaboraram um cartaz alusivo à comemoração dos 500 anos da Misericórdia de Viseu. Durante a sessão plenária, expressaram publicamente um voto de felicitações e de louvor por todo o trabalho de apoio social realizado pela Santa Casa da Misericórdia de Viseu.

Prof.ª Ana Lúcia Lemos



Noite de Teatro no Mirita Casimiro



O Grupo ABC do Teatro apresentou, no dia 4 de março, no Auditório Mirita Casimiro, O Pai Tirano. Esta peça, que já havia sido levada a cena por ocasião do Festival de Teatro de Viseu, contou, desta vez, com a participação de alguns novos atores e atrizes que também integram o grupo, tendo proporcionado momentos de verdadeira descontração e arrancado do público sentidas gargalhadas. Participaram nesta encenação alunos desde o 5.º ao 9.º Ano, sendo o trabalho de grupo e a dedicação dos alunos aspetos sempre a valorizar.

Destaque-se ainda a surpreendente abertura da noite com alguns alunos do 1.º Ciclo, que frequentam a Oficina de Expressão Dramática, a demonstrarem um grande à-vontade em cima do palco numa breve mas muito divertida peça, e que a todos deixou na expectativa de futuras apresentações.

Prof.ª Sónia Almeida

Campanha “Acende um píxel - Descubre Este Coração”

Está a decorrer a campanha solidária “Descubre Este Coração”, que tem como objetivo diminuir o impacto imposto pelas alterações no financiamento do contrato de associação, havendo, neste momento, uma turma do 5.º Ano e duas turmas do 7.º Ano não financiadas e a funcionar gratuitamente, desde o início do ano letivo.

O princípio orientador do projeto é simples. Convidamos todos os amigos e membros da família do Colégio da Via-Sacra, atuais e antigos alunos, a desvendarem um “Coração” que, inspirado pelos desígnios do nosso fundador, o Cónego António Barreiros, está pronto a ser descoberto.

Para iluminarmos o coração que se encontra ainda oculto, basta proceder à aquisição de píxeis. Esta aquisição poderá ser feita na Secretaria ou através da internet.

Conscientes das dificuldades que atravessamos, mas movidos pela esperança de, em conjunto, podermos ultrapassar este momento, pedimos que consultem, participem e divulguem esta iniciativa.

Porque, nesta família que é o nosso Colégio, todos são igualmente importantes.

Todos os alunos contam!



BILHETE DE IDENTIDADE

NOME: Nuno Filipe Rodrigues Lopes
PROFISSÃO: Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste número, o Repórter Mocho foi até ao 1.º Ciclo para conhecer um pouco melhor o professor Nuno Lopes. Ficámos a saber que é um animado contador de anedotas e adepto do Benfica. Fica aqui a entrevista que realizámos.

Repórter Mocho - Qual a sua naturalidade?

Prof. Nuno Lopes - Eu sou natural de uma aldeia relativamente perto de Viseu, chamada Moselos, que, em brincadeira, costumo chamar "Mosel'Angeles". Pertence à freguesia de Campo.

Repórter Mocho - Como foi a sua infância aí?

Prof. Nuno Lopes - Eu quero acreditar que a minha infância foi como a de muitas outras pessoas, principalmente aquelas que cresceram antes dos "IPad" e coisas semelhantes. Foi uma infância onde reinou a brincadeira na rua, onde subir às árvores era obrigatório (naquela altura a expressão "isso é perigoso" só aparecia depois de termos tido a experiência comprovada de que realmente o era, ou seja, depois de cairmos no chão), onde o ecrã do "tablet", naquela altura, era o chão, e a "macaca" ou o "jogo do galo", lá desenhados, eram as nossas "apps".

Repórter Mocho - Como surgiu o gosto pela educação infantil?

Prof. Nuno Lopes - Esta pergunta é realmente curiosa. Eu lembro-me que esta vontade de ensinar começou a surgir quando ainda andava na "escola primária" (1.º Ciclo). Andaria no 2.º ou 3.º Ano e recordo-me de pensar que estava a ouvir a professora a explicar os conteúdos e sentia que a linguagem dela e a forma como tentava explicá-los não me levava a entendê-los. Como eu tinha a sensação de que costumava aprender as coisas quando me eram explicadas, nomeadamente noutras situações, e ali isso não acontecia, percebi que, se calhar, parte do problema não estaria apenas em mim. Por isso, tive a "vontade" de poder ensinar os mais pequeninos, mas falando de forma que entendessem e tudo o que fosse falado pudesse ser "concretizado de uma forma imaginária", ou seja, a teoria se tornasse algo concreto na sua imaginação. Utopia? Poderão dizer que sim, mas hoje tenho

a certeza de que é preciso, realmente, usar uma linguagem muito próxima da linguagem das crianças com que trabalhamos, conseguindo, gradualmente, com que elas adquiram as capacidades para entenderem uma linguagem "mais adulta", mais complexa, mais adequada a cada situação. Acima de tudo, levá-las a perceber que, quanto mais desenvolverem as capacidades e, obviamente, adquirirem outras novas, melhores adultos serão.



Repórter Mocho - E como aparece a música, nomeadamente o piano, na sua vida?

Prof. Nuno Lopes - A música, de forma mais séria, considero que apareceu por volta dos sete anos, quando comecei a aprender órgão. O piano aparece mais tarde, com a necessidade que senti em aprender algumas técnicas próprias de piano. Infelizmente, não aprendi tudo, nem sequer próximo disso, mas, como costume dizer, dá para ir “desenrascando”, quando é preciso.

Repórter Mocho - Toca outros instrumentos?

Prof. Nuno Lopes - Costume dizer que qualquer pessoa que consegue produzir um som num instrumento, por mais simples que seja, nem que seja uma nota só, está a tocar. Mas percebendo que a pergunta quer ir um pouco mais longe do que isso, eu arrisco dizer que me “desenrasco” também noutros instrumentos, nomeadamente instrumentos de cordas, com destaque para a guitarra, sobre a qual ainda fiz algum estudo clássico.

Repórter Mocho - Pratica desporto?

Prof. Nuno Lopes - Praticar desporto de uma forma consistente e séria, infelizmente, agora não (a não ser “nadar de costas”, no sofá, à noite). No entanto, sempre que posso, dou uma perninha no futebol ou faço um pouco de BTT. Mas uma coisa que gosto de fazer é estar sempre “na desportiva” com os amigos - não sei se isso conta!

Repórter Mocho - O que faz nos seus tempos livres?

Prof. Nuno Lopes - Ora... eu diria que nos meus “tempinhos” livres, o que gosto realmente de fazer é descansar, relaxar. Mas também gosto de passear, de ver um bom filme, de “pôr a leitura em dia”, de tocar instrumentos para “desemperrar” as articulações e até “bricolage”, em português “FVM” (Faça Você Mesmo), pois assim fica-te mais barato.

Repórter Mocho - Qual a viagem de sonho que ainda não teve oportunidade de realizar?

Prof. Nuno Lopes - Eu adorava poder conhecer a Índia! Não consigo explicar de forma concreta o motivo, mas o pouco que conheço da sua cultura cria em mim um grande fascínio.

Repórter Mocho - Complete a frase: “Para mim o Colégio é...”

Prof. Nuno Lopes - ...um livro onde os alunos escrevem, e, um dia, dar-lhe-ão o título de “Os meus melhores momentos, as minhas melhores oportunidades e as minhas melhores memórias”.

Repórter Mocho - Já algum dos seus sonhos se tornou realidade?

Prof. Nuno Lopes - Eu entendo a palavra “sonhos” como sendo o sinónimo de “objetivos que gostaríamos de atingir”, sejam eles arrojados ou mais modestos. E, desta forma, considero que já se realizaram alguns dos meus sonhos, principalmente os mais “pequeninos”. Obviamente, o “sonho” de ser pai é daqueles que eu considero o “mais arrojado”, pois é daqueles sonhos que, em se atingindo, temos a sorte de o poder viver todos os dias, ainda que cada dia de uma maneira diferente.

Livro inesquecível:

A Fórmula de Deus, de José Rodrigues dos Santos.

Filme favorito:

Braveheart, de Mel Gibson.

Música preferida:

“Tears in heaven”, de Eric Clapton.

Atriz/ ator de eleição:

Heath Ledger, principalmente no desempenho que teve no filme *The Dark Knight (O Cavaleiro das Trevas)*, de Christopher Nolan.

Comida preferida:

Polvo à Lagareiro, mas não ponho de parte uma Posta Arouquesa!

Como passar da hipocrisia à solidariedade.

A nossa herança judaico-cristã está repleta de fugas e partidas para terras distantes e desconhecidas. Foi assim com Abraão: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar” (Gn 12, 1). E foi assim com José e Maria, no início da vida de Jesus, quando foram convidados a seguir os conselhos do Anjo do Senhor: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o menino para o matar” (Mt 2, 13). Também a nossa tradição portuguesa está repleta de partidas, em busca de melhores condições de vida e de fugas, evitando as condições que nos eram apresentadas. Podíamos também assumir que fomos, em várias circunstâncias históricas, um povo acolhedor e hospitaleiro.

Hoje, integrados num ambiente mais alargado, o da União Europeia, parece termos perdido alguma memória. Dos cerca de 5 mil refugiados que nos disponibilizámos a acolher, apenas chegaram a Portugal 30, segundo informou recentemente a ministra da Cultura, Igualdade e Cidadania, Teresa Morais. Parece-me pouco, muito pouco! A culpa é da “desorganização do Programa de Recolocação da União Europeia”. Não é uma questão de ingratidão. Não escolhem Portugal, como não escolhem outros 28 países, que, em conjunto, se disponibilizaram para receber 160 mil refugiados e apenas 491 foram recolocados. Estes dados são da Plataforma de Apoio aos Refugiados, que encontra justificação no facto de “se estarem a esquecer três valores fundamentais do Projeto Europeu: solidariedade (desde logo com a Grécia e a Itália), interdependência (relação entre os países) e unidade na diversidade”.

Falta claramente uma atitude de “unanimidade de posições” à U.E., assim como é necessário que os países “tenham memória”, alguns em particular, como a Hungria, que durante a Segunda Guerra Mundial foi apoiada e agora constrói muros. Fechar as fronteiras é deixar os refugiados nas mãos de contrabandistas e traficantes que os exploram e conduzem à morte;

é, em última instância, correr o risco de implosão do Projeto Europeu e, depois, não há retorno.

A criança encontrada morta e fotografada nas margens do Mediterrâneo despertou a nossa consciência e tornou próximo um drama que estávamos habituados a ver de longe, criando uma enorme onda de solidariedade e de indignação. Porquê? Fundamentalmente, porque, naquele aparente sono tranquilo, vimos uma criança vestida como um ocidental e, nos seus trajes, nós, europeus, reconhecemos alguém igual aos nossos filhos, sobrinhos, primos ou netos.

Enquanto cresce a onda de humanidade e de solidariedade na opinião pública, é impossível não ver também uma certa hipocrisia da *realpolitik* e o mundo dos interesses políticos, económicos e geoestratégicos, que se cruzam e oferecem uma dimensão ainda mais desumana a esta tragédia.

Temos medo, muito medo! Medo que cheguem extremistas com intenções de levar a cabo atentados terroristas. Medo que sejam muçulmanos a querer impor a sua crença. Medo que venham roubar os nossos empregos, já tão escassos para os que cá habitam. Medo, enfim, que venham ocupar as casas que seriam, dizem alguns, para os nossos sem-abrigo.

Mas quem terá mais motivos para ter medo? Nós ou eles? Imaginem a nossa vida virar um pesadelo do dia para a noite. Imaginem a nossa casa bombardeada, elementos da nossa família assassinados à nossa frente e nada podermos fazer. Imaginem o nosso local de trabalho, a nossa escola, a nossa cidade feita em escombros. Imaginem, depois, dias e dias sem comida, sem roupa decente, sem água potável, com quilómetros e quilómetros de caminhada ou à deriva num qualquer bote de borracha no Mar Mediterrâneo. Ainda tens medo?

Haverá mal algum em procurar refúgio, proteção, melhores condições de vida para si próprio e para aqueles que amamos? Não foi sempre assim ao longo da história da Humanidade? Quantos barcos repletos de

européus atravessaram o Mediterrâneo rumo ao norte de África no decorrer da Segunda Guerra Mundial? Que diria hoje Aristides de Sousa Mendes, o nosso cônsul em Bordéus no tempo das atrocidades nazis, que, contrariando as ordens de Salazar, ajudou a salvar mais de 30 mil judeus?

“É triste, muito triste. Devem dizer aos vossos responsáveis políticos que têm de trabalhar em conjunto. Mas não se esqueçam que cada um de nós deve começar já a fazer alguma coisa. Cada um deve ir visitar os refugiados que se encontram próximos da sua localidade, sem programa, sem projeto, só para ouvir as suas histórias. Faz falta apoio material e administrativo, mas o mais importante é o contacto pessoal, pois uma grande parte do problema passa por aqui”. Foi desta forma que o irmão Alois, prior da Comunidade Ecuménica de Taizé, respondeu recentemente a um jovem português, quando questionado sobre a falta de uma resposta coordenada da Europa para os refugiados.

O Comité Olímpico Português assinou recentemente com o Conselho Português para os Refugiados um protocolo de colaboração destinado a integrar o desporto no plano de acolhimento a refugiados em Portugal. Uma iniciativa louvável que pode complementar, e bem, através do desporto, a integração dos refugiados, entre os quais se estima existirem alguns atletas de alta competição. Só espero que, daqui a algum tempo, não estejamos todos a bater palmas a algum luso-somali ou luso-sudanês, porque ganhou uma qualquer medalha olímpica por Portugal, e continuemos sem saber onde fica a Somália ou o Sudão e muito menos em que condições sobrevivem os seus habitantes.

Neste Ano Jubilar da Misericórdia, o Papa Francisco



Ícone da Misericórdia

convidou todos os homens e mulheres de boa vontade a viver as obras de misericórdia. Mas, para nós, cristãos, isso torna-se um imperativo de consciência. De outro modo, a solidariedade será apenas uma miragem, com muitas contas pelo meio, à espera que outros avancem. Definitivamente, o nosso maior problema não são os refugiados. É a hipocrisia!

Prof. Davide Costa

TELA SE PAUTAS



Welcome, de Philippe Lioret

Ironicamente intitulado *Welcome* (“Bem-vindo”), este filme narra o drama de muitos refugiados que vêm para a Europa, fugidos da guerra no seu país natal, à procura de paz e de melhores condições de vida.

A história narra a trajetória de Bilal, um jovem curdo de 17 anos, que está completamente apaixonado e que tudo fará para rever a sua namorada, Nina, emigrada em Inglaterra. Depois de percorrer milhares de quilómetros durante três meses, Bilal chega a Calais e, vendo a costa inglesa tão próxima, acredita que em breve chegará a Londres. Decide então aprender a nadar para, assim, poder atravessar o Canal da Mancha. Na piscina municipal, Bilal conhece Simon, um instrutor de natação a meio de um processo de divórcio, que o decide ajudar. Na tentativa de alcançar o seu objetivo, Bilal acaba por mudar a vida de várias pessoas, principalmente a de Simon.

O filme é repleto de momentos dramáticos, mas ao mesmo tempo cativantes e envolventes, levando o espetador a refletir sobre as atuais políticas de imigração. A ver e rever!

Clube de Jornalismo

“I’m so weary”, de Cliff McAulay

I am so weary, so very tired.
I can’t even say my name.
I am so hungry, so sick and frightened.
I can’t even hold my head up.
I’m not an animal,
Not some strange creature,
I am a human.
I have such dreams,
I can tell you about.
I have such love,
I can tell you about,
If you would listen.
I am unwanted, my land is a desert,
And all of my life a nightmare.
I’m not an animal,
Not some strange creature,
I am a human.

I have such dreams ,
I can tell you about.
I have such love,
I can tell you about,
If you would listen.
So stop all the fighting,
I’ll care for my children.
Let’s burn all the guns and rockets.
We’ll paint the world kindly,
Use many colours
And light up the sky with magic.
I’m not an animal,
not some strange creature,
I am a human.
And I have such dreams,
I can tell you about.
I have such joy,
I can tell you about,
If you would listen.

I am the frightened,
I am your sister.
I am the homeless,
I am your brother.
I am the future,
I am the children.

Eu estou tão cansado, tão fatigado!
Nem consigo dizer o meu nome.
Estou tão esfomeado, tão doente e assustado!
Nem consigo erguer a minha cabeça.
Eu não sou um animal,
Nenhuma criatura estranha,
Eu sou humano.
Eu também tenho sonhos,
Posso contar-te.
Eu também tenho amor,
Podia contar-te,
Se tu me ouvisses.
Eu sou indesejado, a minha terra é um deserto
E toda a minha vida um pesadelo.
Eu não sou um animal,
Nenhuma criatura estranha,
Eu sou humano.

Eu também tenho sonhos,
Posso contar-te.
Eu também tenho amor,
Podia contar-te,
Se tu me ouvisses.
Por isso, parem de lutar,
Eu vou cuidar dos meus filhos.
Vamos queimar todas as armas e mísseis.
Vamos cuidadosamente pintar o mundo,
Usar muitas cores
E iluminar o céu com magia.
Eu não sou um animal,
Nenhuma criatura estranha,
Eu sou humano.
Eu também tenho sonhos,
Posso contar-te,
Eu também tenho alegria,
Podia contar-te,
Se tu me ouvisses.

Eu sou o assustado,
Eu sou tua irmã.
Eu sou o sem-abrigo,
Eu sou teu irmão.
Eu sou o futuro,
Eu sou as crianças.

MERGULHAR NOS LIVROS

Mulherzinhas, de Louise May Alcott

Há cerca de dois anos recebi de uma amiga um livro que me marcou. É uma história com um enredo muito forte, capaz de tocar os leitores, sobretudo os mais sensíveis.

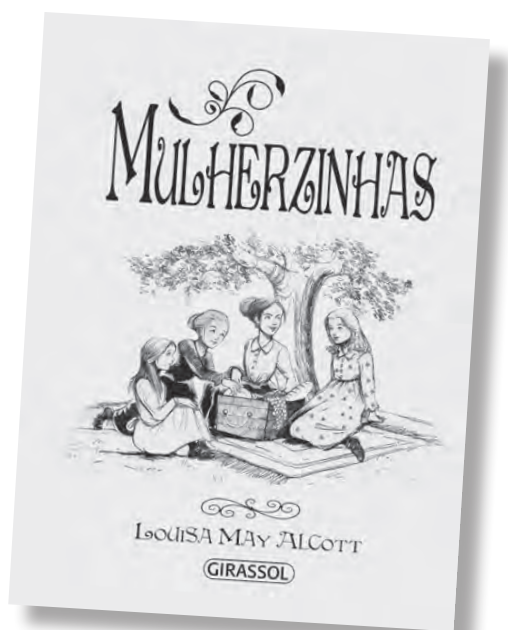
Mulherzinhas é o título da obra que me cativou e, em cada leitura (já lá vão cinco), descubro pormenores que me tinham passado despercebidos na leitura anterior.

Retrata a vida difícil de uma família pobre. O “homem da casa”, pai de quatro filhas, está longe, a combater, na guerra. As quatro jovens, Meg, Jo, Beth e Amy, juntamente com a sua mãe, têm de aprender a trabalhar em conjunto, para fazer face às despesas que não conseguem pagar.

Porém, quando uma doença inesperada assola a pobre família, levando quase à morte dois dos elementos, tudo muda inesperadamente...

Uma história de sacrifícios e ao mesmo tempo de humildade, onde a família aprende a viver e a enfrentar as dificuldades, sem nunca se desunir nem desistir. É uma obra inspiradora que nos prova que só em união e com força de vontade se podem enfrentar as adversidades da vida.

Beatriz Caseiro, 8.º C



Harry Potter, de J. K. Rowling

Um dos maiores sucessos da literatura infantojuvenil do séc. XX, a saga *Harry Potter*, levou milhões de crianças, jovens e muitos adultos a ler e a entrar no mundo mágico de Hogwarts.

Harry Potter, um menino órfão, descobre aos 11 anos que a realidade que conhece é, de facto, o mundo dos Muggles, isto é, dos que não têm qualquer poder mágico, e que ele é afinal um menino especial com capacidades mágicas que herdou dos seus pais.

Ainda bebé, Harry Potter sobrevive ao ataque das forças do mal, personificadas por Lord Voldemort, “Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado”, ficando marcado para sempre com um raio na testa.

Quando entra na Escola de Magia e Feitiçaria de Howgarts, conhece Ron, um “sangue-puro”, e Hermione, uma “sangue de lama”, que o irão acompanhar nas muitas aventuras, por mundos mágicos de duendes, dragões, feiticeiros, unicórnios e muitas criaturas mágicas que só naquele mundo existem.

Cada livro relata um ano na vida de Harry Potter, acompanhando os três amigos desde a idade juvenil até à adolescência, levando cada aventura à descoberta de mistérios envoltos em suspense, morte, amor, traição, mas que, no final, lhes dão lições sobre a amizade, a lealdade, o preconceito e as escolhas que podem ser feitas.

Prof. Rui Almeida

ENTREVISTA COM . . .

Francisco Alberto Almeida de Medeiros nasceu a 22 de junho de 1951, em Fenais da Ajuda, Ribeira Grande (Açores). Missionário comboniano por vocação, licenciou-se em Teologia no Missionary Institute of London.

Amante do desporto, toda a sua vida tem sido dedicada ao serviço missionário, quer como pároco nas missões (maioritariamente em países africanos anglófonos), quer como responsável pela animação juvenil e promoção vocacional.



Ecos da Via-Sacra - Como surgiu a sua vocação?

P.º Francisco Medeiros - Quando entrei para o Liceu, em Ponta Delgada, integrei-me no grupo juvenil das Conferências de S. Vicente de Paulo e na Juventude Escolar Católica. Foi nestes grupos que cresceu a minha consciência cristã de procurar ajudar os mais necessitados e de uma forma comprometida. Apercebia-me de que África era lugar de guerra, de pobreza, muita miséria e descristianizada. "Por que não ir para lá ajudar?", questionei-me. A leitura da revista *Audácia* abriu-me o caminho e o contacto para arriscar.

E.V.S. - Em que é que os Açores marcaram e marcam a sua vida?

P.º Francisco Medeiros - Orgulho-me muito em ser açoriano, natural de uma ilha muito bonita, S. Miguel. Muita gente diz que, por nascermos e vivermos numa ilha, nos sentimos como prisioneiros. Pois não é assim. Olhar para o horizonte, para o mar sem limites, desafia-nos a ir fazer alguma coisa fora, mas desejando sempre regressar. E quando lá regresso, por qualquer motivo, sinto-me mais apaixonado pela beleza e tranquilidade da ilha.

E.V.S. - O que é ser hoje padre comboniano?

P.º Francisco Medeiros - Sempre senti que ser comboniano significa estar disponível para amar e servir os mais necessitados, a exemplo de Daniel Comboni, o fundador do meu Instituto, que não temeu ir para o centro da África, a lugares desconhecidos dos Europeus, infestados de doenças, com culturas e línguas diferentes. O missionário vai porque acredita que também aquela gente tem o direito de saber que Deus os ama e que os olha como filhos.

Estamos geralmente em zonas pobres, cheias de conflitos, esquecidas, e poucos são os querem

ir para lá. Portanto, ser comboniano hoje é continuar com a mesma disponibilidade, sem temer as situações existentes nos lugares onde vamos trabalhar.

E.V.S. - Esteve na África do Sul muito tempo e conviveu ainda com o regime do *apartheid*. O que recorda desse tempo?

P.º Francisco Medeiros - O *apartheid* (viver separados, por raças) era uma das formas mais terríveis de racismo e causou muitas injustiças e sofrimento. No ensino, por exemplo, havia escolas com condições diferentes: nada faltava para a elite branca mas, aos negros, faltavam livros, mobiliário, edifícios. Enquanto os brancos tinham acesso a bons hospitais, residências e transportes, os africanos negros viviam em péssimas condições, em zonas sem eletricidade e água canalizada, com caminhos de terra ou pessimamente alcatroados, onde os telefones raramente funcionavam. As aldeias africanas estavam geralmente longe de tudo, por causa do medo dos brancos.

Vivi quase sempre em zonas reservadas aos africanos negros e senti-me seguro, protegido e querido. Senti-me sempre bem e satisfeito com a minha opção de ter escolhido esta vida de missionário, apesar das muitas dificuldades com as línguas nativas (tive de aprender três para poder comunicar nas celebrações), em adaptar-me a costumes culturais tão diferentes dos nossos, comendo na esperança de que nunca me fizesse mal, sem garfo, sem prato, sem TV.

E.V.S. - A África é um dos continentes em que as questões de desenvolvimento se colocam decisivamente. Qual é a sua perspetiva acerca deste problema?

P.º Francisco Medeiros - Penso que, se não se derem condições aos africanos, eles nunca superarão o atraso em que se encontra toda a África. Isto é, se

não houver escolas, universidades, não pode haver médicos, engenheiros, professores, técnicos locais, que ajudem no seu desenvolvimento. Estar dependente de alguém que aparece (quando aparece...) por um certo período, mas depois parte, pouco ajuda. A África vive muito de esmolas e isso só os torna mais dependentes de países ricos, que, no fundo, os exploram mais do que o que lhes dão. E as ajudas são cada vez mais seletivas, privilegiando as elites do poder, bastante corruptas e desinteressadas do destino dos seus irmãos.

A promoção humana e a formação técnica são essenciais para que haja desenvolvimento. O resto virá depois, se todos forem formados com uma consciência de partilha e entreajuda e de responsabilidade comunitária.

E.V.S. - Qual é a importância da Escola nos países com graves dificuldades de desenvolvimento?

P.^e Francisco Medeiros - Estive num país que mudou bastante. Durante o *apartheid* havia umas poucas escolas para os africanos, em geral para os filhos dos que colaboravam com o regime. O resto contentava-se debaixo de uma árvore, sentado numa pedra. De facto, as escolas para os jovens negros eram fracas, com aulas superlotadas, onde não se podiam estudar certas disciplinas, como a Química e a Física, e não havia nenhuma atividade de desporto. Imaginemos escolas debaixo de uma árvore, ao ar livre, em geral sem livros ou qualquer outro material escolar... e junte-se a fome.

Para mim, muito do desenvolvimento passa por uma educação condigna e generalizada, que possa proporcionar futuro à juventude. Se houver isto, sem os condicionalismos culturais, como sejam o de as raparigas não estudarem ou de só alguns terem direitos, a África poderá dar passos grandes rumo ao desenvolvimento, com condições de bem-estar para todos. E muitos dos seus males desaparecerão.

Pude experimentar isto nos meus últimos anos na África do Sul, já sem *apartheid*.

E.V.S. - Que papel pode ter a Igreja no desenvolvimento dos povos?

P.^e Francisco Medeiros - É um dever da Igreja interessar-se pelo desenvolvimento, clamando justiça e dignidade para todos. Na educação escolar e nos serviços de saúde, a Igreja sempre esteve na vanguarda, chegando mesmo antes dos governos junto dos povos. Isso é possível pelo espírito de solidariedade dos cristãos que se interessam e que procuram ajudar os mais necessitados. O Papa Francisco tem procurado conscientizar toda a Igreja para isto.

E.V.S. - Que mensagem gostaria de deixar aos alunos do Colégio da Via-Sacra?

P.^e Francisco Medeiros - Primeiro, saibam reconhecer que nem todos os jovens da vossa idade têm a sorte que vocês têm quanto aos estudos.

A educação que recebemos é o que nos vai fazer ser para o futuro. O estudo valoriza-nos e prepara-nos para o futuro. Na verdade, há tantos jovens que também gostariam de estudar e ter um futuro melhor e talvez nunca o consigam.

Também seria bom que fossem tomando consciência das carências que existem no mundo e que poderão ser minimizadas se nos sentirmos mais irmãos e responsáveis pelo destino de outros.

Devemos crescer, procurando criar verdadeira amizade, que nos faça perceber quando os amigos precisam de nós.

“A promoção humana e a formação técnica são essenciais para que haja desenvolvimento. O resto virá depois, se todos forem formados com uma consciência de partilha e entreajuda e de responsabilidade comunitária.”



João Ferreira

João Filipe dos Santos Ferreira nasceu em Viseu a 24 de março de 2001. Frequenta a turma B do 9.º Ano e é um artista premiado na área da dramaturgia.

“Desde pequeno que eu e o teatro convivemos. A minha primeira atuação talvez tenha sido no 4.º Ano, quando fiz de Pai Natal, na Festa de Natal dos Escuteiros, embora já tivesse participado em festas anteriores, quer nos Escuteiros, quer no Infantário. Mais tarde, já no Colégio, inscrevi-me no Clube de Teatro. Depois da minha participação na peça Comissário de Polícia, onde tive o meu primeiro grande papel, recebi muitos elogios e isso incentivou-me a continuar. Os professores de teatro também me ajudaram muito, pois sempre me ensinaram a ser cada vez melhor.

Eu gosto de representar qualquer coisa, seja cómica ou trágica. São estilos diferentes... Não sei qual deles escolher. Eu gosto de fazer as pessoas rir, mas também gosto de fazer umas caretas trágicas de vez em quando. A função do ator é provocar no público uma sensação de fuga do real, aliando o profissionalismo e o bom humor que passará dessa forma para o público.

Normalmente, sinto-me mais nervoso durante a atuação do que antes, porque tenho receio de me enganar nas falas e de não dar as deixas certas aos meus colegas. Mas antes de entrar em palco o elenco do Clube de Teatro faz uma roda e junta os mindinhos para relaxar. O resto não posso dizer. É segredo!

No futuro, encaro o teatro como passatempo, quem sabe animando crianças em festas de anos!”

António Silva

António Silva nasceu no dia 15 de agosto de 1886, no seio de uma família humilde e simples.

Teve a sua formação teatral em grupos amadores na cidade de Lisboa, estreando-se profissionalmente em 1910, no palco do Teatro da Rua dos Condes, com a peça *O Novo Cristo*, de Tolstoi.

Três anos mais tarde, emigra para o Brasil, onde permanece até 1921, em digressão com a companhia teatral de António de Sousa. De volta a Portugal, trabalha vários anos consecutivos na Companhia de Teatros Santanella-Amarante, em peças de teatro ligeiro e de revista. Integra ainda as companhias de Lopo Lauer, António de Macedo, Comediantes de Lisboa e Vasco Morgado. No entanto, é *A Canção de Lisboa* (1933) que o projeta no cinema, trazendo-lhe popularidade e confirmando o seu engenho como ator. A partir daí, interpreta diversas personagens cinematográficas, nomeadamente em filmes como *O Pátio das Cantigas*, *O Costa do Castelo* ou *O Leão da Estrela*.

Foi distinguido pela Presidência da República Portuguesa no dia 4 de novembro de 1966, como Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

Faleceu em Lisboa, no dia 3 de março de 1971, aos 84 anos.



Gabriela Camões

Gabriela Oliveira Camões nasceu em Viseu e frequenta a turma C do 9.º Ano. A sua voz tem-nos encantado nas suas várias atuações durante os concertos e musicais do Colégio.

“A primeira vez que cantei em público foi no concerto do Colégio, no meu 4.º Ano; tinha 10 anos. A música que interpretei foi “As Cores do Vento”, do filme Pocahontas. Depois disso, já tive outras atuações, nomeadamente em bares e cafés, em saraus realizados pela minha antiga escola de música e em festas com karaoke.

Tento levar cada atuação com o melhor espírito possível. Antes de atuar, sinto-me um pouco nervosa, tenho sempre medo que algo falhe e de me desiludir a mim própria. No momento da atuação, tenho um sentimento inato, sinto-me única, como se estivesse a entregar toda a minha alma a quem está a assistir. Acaba por ser inexplicável.

Os meus pais desde cedo me incentivaram a seguir Música, sempre disseram que essa vertente era muito importante em vários aspetos, e aos poucos fui adquirindo um gosto e uma paixão por esta arte, como se tivesse nascido comigo. Frequento uma escola de música, onde tenho aulas de canto e de guitarra, e daqui a algum tempo pretendo aprender piano.

Quero que a música esteja sempre presente na minha vida. Ela é indispensável para mim. Anseio ter uma carreira musical, cantar nos musicais da Broadway e esgotar concertos. Apesar de a possibilidade ser escassa, vou lutar para lá chegar pois, se o alcançar, sentir-me-ei completamente realizada. Tenho este sonho desde os meus cinco anos e vou trabalhar muito para lá chegar, porque sem trabalho não chegamos a lado nenhum. É esta dúvida - se vou chegar lá ou não - que me faz querer cada vez mais isto. Existe uma frase de Aristóteles que caracteriza este meu sentimento: «A dúvida é o princípio da sabedoria».”



Susana Félix

Susana Félix nasceu em Torres Vedras a 12 de outubro de 1975.

Em 1988, com apenas 12 anos, venceu a Grande Noite do Fado, no Coliseu dos Recreios de Lisboa, participando, mais tarde, noutros programas televisivos.

Em 1995, é escolhida pela Disney para cantar as músicas da personagem principal do filme *Pocahontas*, seguindo-se participações nos filmes *Hércules* e *Rei Leão II: O Orgulho de Simba*.

Entretanto, continua a sua carreira musical, colaborando com vários artistas nacionais, designadamente Mafalda Veiga e Luís Represas.

Em 1999, é lançado o seu álbum *Um Pouco Mais*, com temas como “Mais Olhos que Barriga” e “Um Lugar Encantado”.

Nos anos seguintes, escreve temas para as bandas sonoras de telenovelas, continuando também a participar em diversos programas televisivos e teatrais ligados à música, bem como a editar álbuns de originais.

Em 2014, comemorou quinze anos de canções através de uma série de concertos de norte a sul do país.

Autorretrato

Tiago Simão, baixo português,
Cabelo d'ouro, sorriso na face,
Nas maçãs do rosto a timidez,
Com este nariz em desenlace.

Coração aberto para os amigos,
Falador que não diz tolice,
De ar matreiro e sem perigos,
É o que neste poema
Sobre si mesmo disse.

Tiago André, 7.º D

Faz lembrar o outono
Com cabelos de castanha,
Olhos de folhas secas
E de uma árvore a altura.

Nas folhas do outono,
Lê, sente, aventura-se e escreve.
Escreve um poema que já está a acabar,
No qual ela se descreve.

Beatriz Rodrigues, 7.º C

Cabelos longos e louros,
Simples e discreta,
Sorriso de rosa, puro e florido,
Vendo em seus olhos o mar cristalino,
Fechado por janelas de tristeza,
Por caminhos de solidão,
Sempre à espera que alguém liberte
A angústia guardada no seu coração.

Tudo o que sente escreveu,
Tudo o que disse sou eu.

Ana Filipa Figueiredo, 7.º A

Tiago Cruz, apreciado português,
Cabelo areia de praia,
Sardento na cara,
Olhos brilhantes (ou não)
Quando vê a namorada.

Se é esta pessoa que vês
(Omita-se o nariz e a testa que não dizem nada),
Psicologicamente, nem queiras saber...
Alegre e interessado, isso podes crer,
Mas, quando o Benfica é derrotado,
Lá se vai o saber perder.

Tiago Cruz, 7.º A

Branca como a neve
Da estação em que nasceu,
Do cabelo caem-lhe caracóis escuros
Como a noite,
As estrelas brilham em seus olhos de mel.
Pequena sonhadora no seu mundo ideal,
Em busca da perfeição
E às suas paixões fiel.
Envergonhada e teimosa,
Mas sempre alegre e disposta a sorrir!
Admitir defeitos não é fácil...
E qualidades... Uma ousadia!
No entanto, aqui se descreveu
Em plena luz do dia.

Vanessa Soares, 7.º D

Ilustração: Catarina Moreira, 7.º D



Inverno

“Para mim, o inverno é...

... neve.”

Gabriel Costa, 1.º B

... chuva.”

Guilherme Rua, 1.º B

... frio.”

Lara Alves, 1.º B

... Natal.”

Maria Madalena Azevedo, 1.º B



Ilustração: Mariana Carvalho, 1.º B

Os amigos

Os amigos
São almas presas por correntes
Ao coração.
Os amigos
São abraços de verdade.
Os amigos
São lágrimas doces
Que nos descem pelo rosto
Como rios de alegria...

Artur Sousa, 7.º B

Amigos queremos ter.

Magoá-los? Nem pensar.

Imaginando o amor,

Zangados nunca vamos ficar!

Amigos queremos ter

Dentro do nosso coração

E devemos tratá-los com amor e dedicação!

2.º A

A comunicação entre os jovens

Na minha opinião, foi a comunicação que nos desenvolveu individual e coletivamente. Foi a partilha de informação e de vivências que, ao longo dos tempos, conduziu à evolução das civilizações.

Atualmente, a forma de comunicar está, claramente, a mudar. A internet e as redes sociais ocupam muito tempo de interação entre os jovens, substituindo-se a comunicação presencial, isto é, “olhos nos olhos”, pela comunicação virtual. A comunicação presencial é de extrema relevância para o desenvolvimento de laços de amizade, aumento da autoestima e definição da nossa personalidade. No entanto, também através da comunicação virtual se combinam encontros e se esclarecem dúvidas entre colegas. Constatamos, apesar disso, que, em muitas das conversas *online*, se verifica pouca seriedade, pouco aprofundamento de temas importantes, instalando-se a banalidade...

Fora da internet, os jovens conversam e passam

algum tempo de qualidade, quer na escola, quer em festas ou em casas de amigos. Nestas ocasiões, conhecem-se os pontos fortes e fracos das pessoas. É nestes encontros que se pode dar um abraço e dirigir-se uma palavra verdadeira, revelar um sentimento ou traduzir em gestos uma alegria tantas vezes desconhecida por aquele que prezamos realmente.

Muito do tempo que poderia ser usado na comunicação entre os jovens é “gasto” com a música, com os jogos, no desporto, em atividades extracurriculares, entre outras ocupações em que pouco se fala.

Concluindo, numa sociedade desenvolvida e moderna como a nossa, a comunicação virtual é, de facto, indispensável, mas deve servir para completar a comunicação presencial.

Pedro Videira, 9.º C

Joana, Joaninha

Joana, Joaninha,
Abre a janela
Da tua casinha.

Joana, Joaninha,
Vai ao jardim,
Cheira o jasmim,
Solta um espirro:
Atchim!

Joana, Joaninha,
Prepara a bagagem.
Joana, Joaninha,
Boa viagem.

Maria Luísa Cardão, 3.º B

A chuva

A chuva não é só água ou vento,
A chuva também pode ser especial.
Mas, para eu esquecer,
Brinco com alguma coisa
Ou vou estudar...

Luís Coimbra, 3.º A

A palavra

Uma palavra é
Um mar de letras coladas
Pelo sal da língua dos Homens.
Com elas podem sonhar e amar,
Reviver e também chorar...

A girafa que comia letras

Num país muito distante,
Encontrei uma girafa.
Tinha um pescoço elegante
E chamava-se Alfafa.

Adorava escrever poesia,
Fazia rimas de encantar!
Vivia no mundo da fantasia,
Onde todos podiam sonhar.

Tinha um gosto diferente
Pois letras gostava de saborear.
Andava sempre sorridente,
Desde manhã até ao deitar.

Aos sábados e aos domingos,
Apenas comia vogais
E, aos dias da semana,
Consoantes e muito mais!



2.º B

Ilustração: Alexandra Abrantes, 2.º B



O frio está aí...

No inverno, está frio,
Mas para a rua quero ir.
Sinto um grande arrepio,
Então roupa quente vou vestir!

Se para a rua vou brincar,
Tenho de ir agasalhado,
Para não me constipar
E não ficar congelado!

2.º A

Trabalho : João Gonçalves, Sala dos 4 Anos

O menino engraçado

O menino engraçado
É bonito e sortudo.
Está sempre a brincar,
Vira as costas a tudo.

Conta piadas divertidas,
Farta-se de rir,
Goza com os outros,
Pensando que se está a divertir.

Nas aulas, faz caretas
Nas costas do professor.
Nunca presta atenção,
Achando que é um primor.

Não precisa de amigos,
Desde que se possa divertir.
A escola para ele é um lugar
Onde apenas vem para rir.

Mas o tempo vai passando
E, de tanto gozar com os colegas,
Vão-no deixando sozinho,
Já nem partidas ele prega.

O menino engraçado
Já não é assim tão sortudo...
Só voltou a brincar,
Porque os amigos esquecem tudo.

Este poema, meus amigos,
Ensina uma grande lição:
Sermos amigos e estudar bem
E estar sempre pronto a dar a mão.

Beatriz Oliveira, 5.º C

A caixa azul

Quando eu era pequenino, os meus queridos pais deram-me uma caixa azul da cor do céu, com uma tampa redonda.

Um dia imaginei alguma coisa na caixa e, depois de pensar, abri e estavam lá cheques, mas não eram cheques normais. Eram cheques em forma de coração que diziam: "Partilha estes 25 cheques de amor, carinho, ternura amizade e paz". Valiam mais do que novecentos e noventa e nove mil milhões de euros! Eu partilhava-os com toda a minha turma: com os colegas e com a professora. Seria mesmo muito bom, pois, assim, todos teriam todo o amor que existe no mundo inteiro. Fariam as pessoas tristes felizes, as felizes contentes, as mais felizes de sempre!

Lourenço Martins, 3.º C

ESPAÇO PARA A ESCRITA

Primavera

A primavera acorda
E todos a podem notar.
Em prados de morangos,
Ela dança ao som das rosas
Com cheiro de sol e de mar.
As borboletas dançam com ela
Mandando pétalas ao ar.

Sofia Duarte, 7.º C

Uma primavera sem fragrância
É um perfume sem ser perfumado,
É uma flor sem o seu encanto,
É flor a quem o olor
Foi arrancado.

Nuno Ferreira, 9.º B

Perfume cheiroso que me faz cantar,
Pareces uma rosa a surgir no mar.
No céu, com a tua frescura,
Até os planetas pões a brilhar
E todas as crianças a olhar,
Com um cintilar nos olhos,
Que fazes pensar que estão a sonhar!

Ana Costa, 5.º B

Tenho a primavera
Nos meus olhos
Para lhe poder tocar
E na minha imaginação
Para poder sonhar.

Neste dia de sol imenso,
Vem um cheiro intenso
Das rosas floridas no jardim...
E eu a tocar flautim.

Francisca Fernandes e Leonor Libório, 3.º A

O perfume da natureza
Caminha sobre a brisa de verão,
Sobre a da primavera
E sobre a de cada estação!
A magnífica visão
Da cascata do riacho
Dá-nos a sensação
De voarmos como pássaros!
O perfume do campo,
Das flores a florir,
Das aves a cantar
E das pessoas a sorrir!

Inês Monteiro, 5.º B

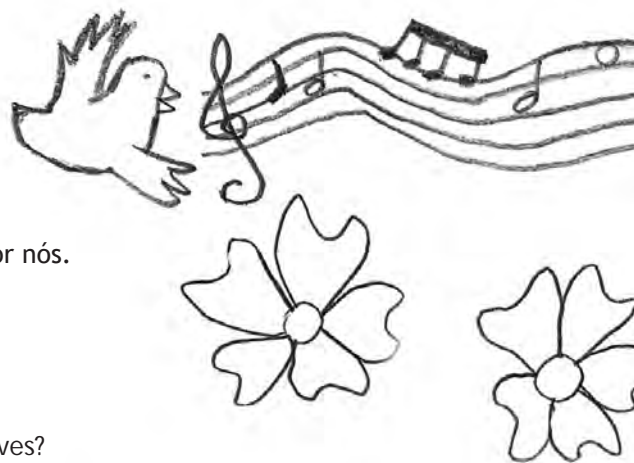
Perfume,
A brisa da manhã
Que me acorda
Com pássaros a chilrear.

Perfume,
O gosto da vida,
Dos passeios ao ar livre,
Com as flores a chamar por nós.

Perfume,
A beleza do pôr do sol,
Puro descanso.

Olha ao teu redor. Não ouves?
A Natureza está a chamar por ti,
Para sentires o seu perfume.

Filipa Rainho, 5.º B



A primavera cheira
A flores a nascer
E a frutos a amadurecer.

O aroma fresco do mar
Dá-nos vontade de sonhar,
De descobrir o arco-íris
Do outro lado do luar.

Sofia Almeida, 5.º A

O agradável sabor da brisa
Chega com as rosas da vida.
Um coração mais doce,
Perfume a jasmim,
Num rio de flores
Descansa e ilumina
O dia.

Leonor Ferreira, 9.º A

A primavera cheira
A flores e alegria,
A paixão e companhia.

Cheira a passeios pelos campos,
Arejados pelo vento, com perfume de alecrim.
Sabe a longas conversas no jardim,
Entre nós e o jasmim.

Cheira ainda a doces momentos,
Com suculentos beijos de ti para mim...

Mariana Gomes, 7.º B

Magia que se respira

Inspira a frescura,
Mágico aroma que à tua volta dança.
Sente-o, prova-o, traga-o.
Ou respira-o, simplesmente.
Doçura, harmonia, amor:
Alguns ingredientes desta poção perfumada,
Que, com um toque de magia,
Em fragrância inigualável se transforma...

Beatriz Santos, 9.º B

Primavera-princesa

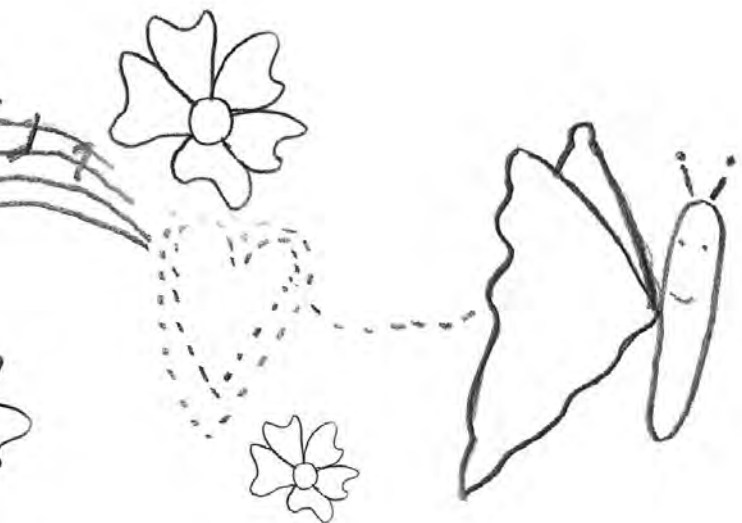
Perfumada e alegre, ali vem ela!
Moça catita, moça tão bela...
Salta! Dança! Rodopia!

Cumprimenta as flores,
Cujos odores se assemelham ao dela.
Todos encanta com a sua essência!

Moça curiosa, tão linda e singela...
Cheiro fresco da lima e quente como a canela...
Aí vem ela, a Primavera-princesa,
Encantadora e de perfumes acesa...

Beatriz Sanches, 9.º B

Ilustração: Inês Esteves, 6.º C



Os Índios

Somos a Sala dos Índios. Todos os dias vamos para a escola de barco e na viagem temos de ter muito cuidado com o crocodilo.

Gostamos de fazer desenhos, de ir à rua, de brincar na sala, de jogar à bola e de brincar com os balões.

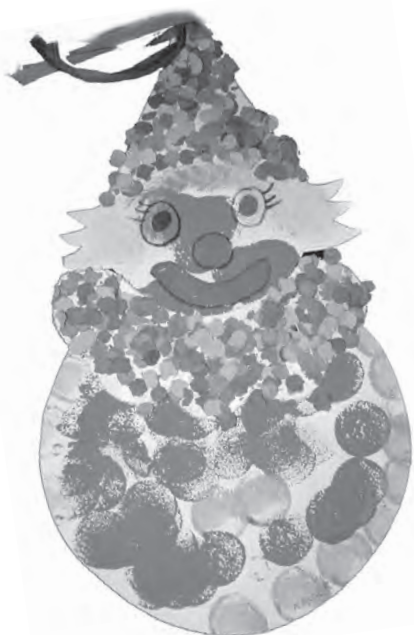
Já sabemos as cores, sabemos contar, pintar e estamos a aprender a desenhar.

E mais... Como somos grandes, já não usamos chupeta e sabemos comer as couves grandes sozinhos... Somos uns valentes!

Os Índios da Sala dos 2 Anos



Trabalho: Tomé Lopes, Sala dos 2 Anos



Trabalho: Xavier Sá, Sala dos 3 Anos



Trabalho: Gonçalo Lima, Sala dos 4 Anos



Trabalho: Ana Pedro Aparício, Sala dos 5 Anos

HORA DO RECREIO



Die Deutschecke
(O cantinho do Alemão)

Sprichst du Deutsch? Verbinde.
(Falas alemão? Liga.)

- | | |
|--------------|---------------------|
| Ostern . | . Coelho da Páscoa |
| Osterhase . | . Páscoa |
| Osterei . | . Sexta-feira Santa |
| Frühling . | . Primavera |
| Karfreitag . | . Ovo da Páscoa |

Nota: "ei" lê-se [ai]!

FROHE OSTERN!
PÁSCOA FELIZ!

Finde die 7 Unterschiede!
(Descobre as 7 diferenças!)

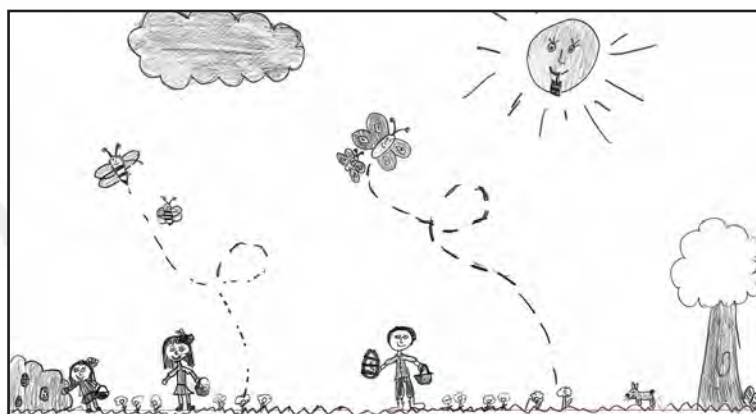
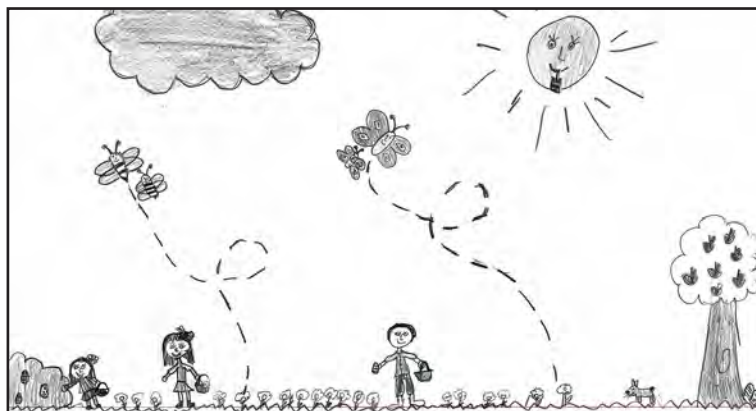


Ilustração: Clara Wessel, 2.º A


Encontra as palavras.

Ovos	N S A S A N D A V E M O S
Chocolate	C A I C V E R A O C H O C
Folar	H D T P R I M A V E R A V
Coelho	O C Y Á P Á S D E C O A E
Amêndoas	C R E S S U R R E I Ç ã O
Páscoa	O U Á C P Á S C O W C O S
Ressurreição	L A R O V O S A I A S C E
Primavera	A L R A X O C O L A T E S
	T U E Q Y A N D O E M A V
	E S S O A C O E L H O C O
	I A S F O L A R I T S A S
	S T U R E I R R E I Ç ã I



Nutrofertil
Nutrição e Fertilizantes, Lda

Fertilizantes . Substratos . Corretivos de Solo . Turfas



tintas
Duquebel
...cores com vida

20 ANOS
1991-2011

DUQUEBEL - FÁBRICA DE TINTAS E VERNIZES, LDA.
Parque Industrial de Colmbrões, Lote 120/121 • 3500-618 Viseu - Portugal
Telefone: +351 232 470 590 • Fax: +351 232 470 599
geral@duquebel.pt • www.duquebel.pt



ASSISTEPRINT **BEIRACÓPIA**
Assistência e Equipamentos de escritório, Lda.

DEVELOP **TUDO TIPO MATERIAL PARA ESCRITÓRIO**

QUER REDUZIR OS SEUS CUSTOS IMPRESSÃO?
CONSULTE-NOS TEMOS A SOLUÇÃO



Rua: João mendes, 124 - VISEU Tel.: 232 479 754 - Fax 232 422 069
E-mail: assistepprint@gmail.com www.assisteprint.com

ASCENDUM

Veículos



Dicionário vs Des-envol-ver

Se formos ao dicionário, encontramos o significado das mais variadas palavras: de palavras caras, importantes e imponentes, e de palavras mais simples e comuns. Porém, nem sempre os significados conseguem transmitir a verdadeira dimensão de algumas palavras.

Repara:

Ver, verbo transitivo - "perceber ou conhecer por meio de olhos; reparar; notar [...]"

Envolver, verbo transitivo - "estar à volta de; rodear; implicar [...]"

Desenvolver, verbo transitivo - "fazer crescer; aumentar; ampliar [...]"

www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa

O dicionário analisa-as sem sentimento, sem afetos. Porque nós, seres humanos, sabemos bem que "ver", com verdadeiros olhos de ver, vai muito além do que conseguimos distinguir com os olhos. Se estivermos mesmo atentos, conseguimos enxergar com o coração: quando percebemos que alguém precisa de uma mão amiga ou quando um colega está mesmo a precisar de um sorriso, de um carinho.

Também sabemos que "envolver" vai muito para além de rodear algo ou alguém. Também é entregarmo-nos de corpo e alma em defesa de um amigo, de uma ideia, da nossa escola...

E "desenvolver" é muito mais do que fazer crescer. É crescermos juntos.

Quando andamos atentos ao que nos rodeia, vemos, envolvemo-nos e desenvolvemo-nos em conjunto, em parceria, tornando-nos numa sociedade mais justa, mais cristã. É assim que conseguimos evoluir, que crescemos.

APAVISA

ECHOS DO PASSADO

Um passeio

Fomos no dia 3 de março dar um passeio a Cabanões. Saímos daqui depois do «lunch» e chegámos cá á hora da gymnastica.

A este passeio foram só os de instrucção primaria.

Vimos a formosa serra da Estrella que parecia um mar de brilhantes. Tambem vimos o Caramulo coberto de neve, que era como alvos cabelos que lhe adornavam a cabeça.

Gostei muito daquelles logares e suas formosas estradas, todas adornadas de arvores lindíssimas dum lado e doutro.

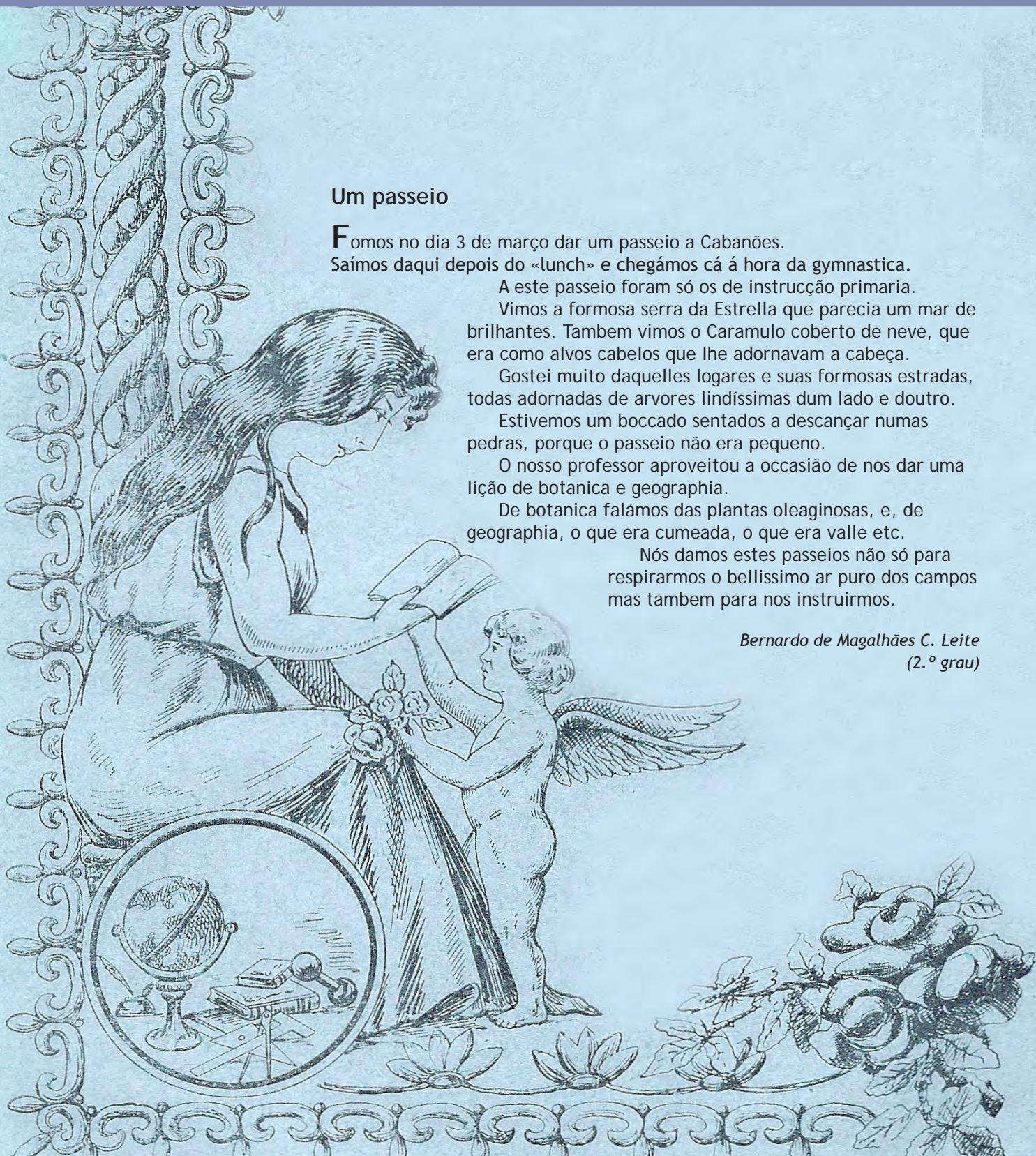
Estivemos um bocado sentados a descançar numas pedras, porque o passeio não era pequeno.

O nosso professor aproveitou a occasião de nos dar uma lição de botanica e geographia.

De botanica falámos das plantas oleaginosas, e, de geographia, o que era cumeada, o que era valle etc.

Nós damos estes passeios não só para respirarmos o bellissimo ar puro dos campos mas tambem para nos instruímos.

Bernardo de Magalhães C. Leite
(2.º grau)





Os garrafões de H₂O que se transformaram em ecoponto

Material

Garrafões de plástico de água; pistola de cola quente; agrafador; x-ato; papéis diversos; cola branca; pincéis.

Como fazer

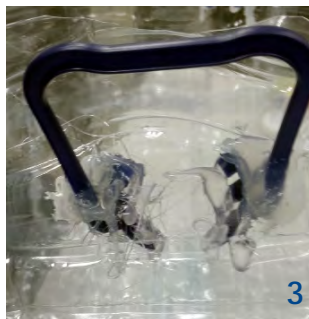
1. Corta o topo (a parte afunilada) e a base dos garrafões com a ajuda do X-ato.
2. Tira a pega (asa) do topo dos garrafões.
3. Faz um corte num dos lados para abrir o garrafão (*foto 1*).
4. Sobrepõe parcialmente os garrafões, dois a dois, unindo-os com agrafos e cola quente.
5. Forma a base de um cubo, sobrepondo as placas de plástico em quatro direções diferentes. Une a base com agrafos e cola quente.
6. Dobra as partes que não estão sobrepostas para formar os quatro lados do cubo. Une tudo com agrafos e cola quente (*foto 2*).
7. Faz outro cubo, mas sem fundo, e une-o ao primeiro, utilizando agrafos e cola quente.
8. Com o x-ato, faz duas ranhuras de cada lado do ecoponto.
9. Faz passar as 4 pegas (asas) pelas ranhuras mencionadas no ponto anterior (*foto 3 e 4*).
10. Reveste o interior e o exterior com camadas de papel, utilizando cola branca e papéis de jornais, de revistas, de publicidade, etc (*fotos 5 e 6*).
11. Decora o ecoponto a teu gosto.

Como os recursos naturais são limitados e alguns são até não renováveis, a sua exploração e utilização de forma excessiva e desregrada tem impacto ambiental e implicações negativas na sustentabilidade do planeta. Nunca devemos, por tudo isto, esquecer a regra dos quatro Rs: Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Recuperar.

O Colégio tem participado na campanha "Pilhão Vai à Escola", recolhendo e reciclando pilhas trazidas pela Comunidade Educativa. Por cada quilograma de pilhas, é atribuído um ponto, sendo estes, posteriormente, convertidos em prémios (material para a escola/alunos). O Colégio, até ao momento, já conseguiu angariar 203 pontos, ou seja, o correspondente a uma recolha de 203 kg de pilhas!

Nós fizemos a nossa parte... Será que fez a sua?

Se fizer, o nosso Planeta agradece!



ecos da via-sacra



Perfume de primavera

Ao primeiro raio da aurora,
Sente-se um gentil aroma
De primavera.
Calma e tranquila,
Sabe a chá morno
De camomila.
As aves, encantadas
Pelas pequenas flores,
Acordam alegres de madrugada,
Livres
Como os ansiados amores.



Poema: Marta Esteves, 9.º A
Ilustração: Cecília Carvalho, 6.º A